

Homenagem

Jorgiana Breve ou o Pacto com a Serpente¹

Luiz Carlos Lima*

O agente infiltrado e outros poemas

Jorge Wanderley

Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

*“Poemas são presentes
presentes para atentos”*

Paul Celan

Esta não é uma leitura isenta. Não acredito que possa existir. E depois não tem sentido escrever sem tomar partido. Isto deve funcionar como o aviso de Dante na porta do Inferno, mas também significa que a entrada é proibida para os vermes triunfantes. As cobras podem e devem entrar, pois Jorge era um cobra, antiórfico em tempo integral. Ofídico sempre, serpeava o seu sarcasmo e o veneno da sua maturidade em versos que nos seduzem pela sua maestria, como ele mesmo talvez dissesse, de diabo velho. Do Órfico e do Ofídico, Jorge nos deu algumas atribuições: “O primeiro morre de haraquiri; o segundo morre de rir. Órfico quer púlpito. Ofídico quer mingau. Ao primeiro, uma catedral, ao segundo, um barzinho. Órfico veste santo. Ofídico cospe. Órfico se leva a sério e na medida. Ofídico também. Mas na mordida”.²

Jorge era a metáfora viva de seus poemas, trabalhava no osso do poema armado de uma poderosa máquina de perversão lírica, projetando uma tensão poética em tudo que o cercava, investido da verdade obsessiva da força natural do verbo. E mantinha uma relação amorosa com as palavras, seduzindo-as numa espécie de libertinagem do espírito. Jorge era todo um jardim de caminhos que se bifurcavam: poeta, tradutor, professor, enxadrista e ensaísta; mas acima de tudo um mestre de vida, vida

que ia da paixão quase religiosa aos cachimbos e aos bares, nos quais ele descobria um fantasma que os tornava freqüentáveis; onde exibia fulgurante a sua divisa: “não prenda ninguém, não dê conselhos, pague a sua conta”.

Todo poeta canta o amor e a morte, mas no seu último livro, *O agente infiltrado*,³ a morte torna-se um tema constante e toma quase todo o livro, como pode-se observar em alguns dos poemas.

Em *Ir*:

*“Ah, quem tanto pudesse que fartasse
de voz e de palavra esta partida.”*

(...)

Em *Cartas Passadas*:

*“Se eu morrer amanhã, há de ter sido
ainda desta vez, só por aquele,
o movedor dos astros,”*

(...)

Em *Estive meio esquisito hoje*:

*“Quem me chamou nesta floresta verde
e foi num sonho e não me lembro mais?
Era mulher vestida de menina
encontro do que eu quis e posso agora,*

(...)

*Ainda agora está me olhando e alguma
Coisa nela se espanta que eu não vá.
Está a um passo de partir sozinha
e de repente penso que é a morte.*

Não vou continuar neste poema

*Que é menor que o sombrio da Mulher-
Menina-Morte que olha para mim.*

(...)

*Um passo que ela dê, será meu fim,
Talvez, que sei que agora a minha espera
É novo adiamento e não demora.”*

*Em Canção para Leopardi:
“Tarda-me a morte: e ela outrora mostrou-se
Disposta e pronta a me encerrar o dia!”
(...)*

*Em Por um quadro de Reinaldo Fonseca,
na casa de Jorge Martins Filho, Recife:
“Existe uma menina que é a morte.
Com o pé no estribo, me olha do triciclo,
diretamente. É como um dardo, o amor
fatal que há no seu olho e na certeza
(...)
É bom saber que a morte é uma menina.”*

É a morte o verdadeiro agente infiltrado no livro. Vemos que a raiz da sua melancolia era uma serpe severa, daí o pacto que resulta no livro; e tentamos imaginar qual o *daimon* de beleza e tristeza o fez lapidar esse cristal da linguagem que é a sua poesia.

Jorge nos dá o exemplo do que seria uma *bildungsdichtung* para o refinamento do estilo dos poetas. O trabalho da forma impecável e o domínio da cesura do verso nos lembram Manuel Bandeira, um dos poetas que ele mais admirava. A sua voz lírica é todo um extremo reino do rigor, mas o seu verso prolonga um borgiano jogo de espelhos e labirintos, onde mesmo angustiado ele se desvela e se diverte consigo mesmo. Como ele mesmo escreveu, “há infinitudes, aqui”. Exemplo disso, o poema *Orelha*:

*“Ouve que não estou contra a música,
irmã da memória e da comoção,
(...)
nem contra a metáfora, ainda que alguns
se obstinem em antagonizá-la,
esquecendo, talvez, que ela é a mãe da
linguagem
(...)
nem contra o adjetivo, que pode, como em
Jorge Luis Borges,
adornar sem enfraquecer, luzir sem banalizar;*

*nem contra a expressão lírica e seu espelho
narciso
nem contra o coração, sempre melhor que as
tripas,
animador de Dante e Lorca e Verlaine
e que existe como a alma dos pátios secretos,*

*nem contra a própria anatomia do concreto
ou formas fragmentárias do corpóreo*

e do sensível; nem contra a forma fixa

*que em tudo a força está ou não está
e isto somente importa, estar a força,
(...)*

O que vemos aqui é que voz e verbo criam no poema um campo de luta, um campo de forças que atuam como uma luta da linguagem com a linguagem (lexismaquia). É este o conflito gerador de negação e superação que numa perversa cumplicidade dialética origina a palavra fatal que incendeia o poema e cria uma potência, um *plus* ultra da linguagem, ao qual Jorge nomeia *Poesia*:

*Nem sempre está disponível
(agora mesmo não está)
mas às vezes diante de muita provocação,
fica: é preciso
estar com a cabeça boa
e cabeça também nem sempre está disponível,
como agora.*

*É preciso ter bom fígado
bons amigos - ou pelo menos um -
mulheres para lembrar ou praticar
decentemente. Nem sempre estão,
nem sempre. Como agora.
Versos que ecoam, alheios e próprios,
ajudam. Certa nervura que aparece
depois de arranhada, vergão
na pele da asa.*

*Asa é preciso.
Mesmo quando pesa chumbada
ao chão, mortiça e torpe.
Algumas propiciam, do peso, o sopro.*

*Sopro é preciso.
Quase sempre vem de fora.
E às vezes não vem ou vem do inferno
como agora.*

Jorge Wanderley, como um grande mestre da forma poética, sabia que o poema é o lugar da linguagem e a linguagem toma forma no corpo do poema, ou seja, ela se torna propriamente linguagem no poema. A poesia é ou busca se constituir sempre como uma utopia da linguagem. O poema funda todo um complexo da subjetividade do ser através do sistema léxico, conjugando o

som, o ritmo e o silêncio das palavras, procurando criar uma festa dos possíveis da língua que ainda não-é; e que apenas no ser do poema torna-se possível. O olho vigilante do poeta na voragem de uma poética incisiva ressuma em *O Jaguar*:

*Há no meu quarto um jaguar
que olha minha cama.
Já não sei se há debaixo dele um armário
ou outro móvel qualquer
porque só ele é real:
o demais é sonho.*

*Não durmo, olho o jaguar
que me olha imóvel.
Não respiro, olho em seu olho
a luz que esqueceu de onde veio.
Não vivo, até que amanhã,
esperando que o dia mude tudo.*

*Com esperança diversa,
no alto,
ele segue me olhando.*

É esta linguagem permanentemente tensionada que estrutura o corpo dos poemas na poesia de Jorge Wanderley como ele próprio escreveu: “As palavras têm passaporte direto para o poético ou delas não se cogita, no poema”.

Por tudo isso Jorge faz e fará falta; préstite nas discussões sobre poesia, porque era um poeta armado de inteligência poética invejável e fina sagacidade crítica para enfrentar a milícia dos inimigos da poesia. Pois sabia que era preciso sempre tomar o pulso do contrato poético, senão as musas (se por acaso existirem) implacavelmente nos demitirão, por justa causa, do jogo com a poesia. Jorge como Baudelaire tinha consciência de que o poeta tem que ser soberanamente inteligente, e que só assim a poesia consegue, como queria Aristóteles, escapar à idiotia e à banalidade (*exallatousa to idiôtikon*) de um tempo miserável como o nosso. Jorge não exercitava a parcimônia medíocre do jogo do poder. Ele gastava-se no seu ser, extraordinário perdulário do dom da dádiva e um inesgotável professor de lirismo sofisticado.

Notas

¹ Este texto é uma homenagem a Jorge Wanderley, Poeta, Tradutor e Professor de Literatura Brasileira e Literatura Comparada do Instituto de Letras da UERJ. Jorge nasceu em Recife em 1938 e faleceu em 12 de dezembro de 1999. Como poeta publicou oito livros, sendo este aqui comentado o último. Traduziu para o português a obra de Paul Valéry, Dante, Shakespeare, Jorge Luis Borges, entre outros. Publicou também *Arquivo/Ensaio*, livro de crítica literária.

² WANDERLEY, Jorge. “Orfismo & Ofidismo: conceitos operacionais para se ler o poema em boa paz”. In _____. *Arquivo/Ensaio*. São Paulo: Edusp, 1994.

³ WANDERLEY, Jorge. *O agente infiltrado e outros poemas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.